

ENTREVISTA MARIANA MAIA

1 Como foi o seu percurso como estudante do Ensino Médio até a universidade? Como se deu a escolha pela docência?

2 Em qual contexto você leciona hoje? E como conjuga a atuação como educadora e como artista?

3 Sobre a sua poética, como você percebe a construção desse caminho próprio de expressão? Por quais linguagens transita em seu processo criativo? O que nutre e alimenta sua criação?

4 Como foi o processo de identificar as histórias que lhe impulsionaram a transformá-las em ações artísticas?

5 Como se dá a escolha de linguagens, suportes e materialidades em seu trabalho?

6 O que você considera imprescindível para desenvolver competências e habilidades no estudo das linguagens artísticas e na cultura em geral?

Respostas de Mariana Maia às seis questões aqui apresentadas

Minha pesquisa artística é guiada por memórias afetivas e cenas cotidianas dos subúrbios cariocas. A série de performances Ensaías surgiu de uma lembrança. A saia azul de minha avó, suspensa no varal do terreiro, usada por ela e depois por minha mãe, herdada de geração em geração, guardava a memória do corpo dela e de outras mulheres. A saia azul performava a história das mulheres negras da minha família. Na escola, as aulas de artes ganharam mais importância quando conheci uma professora de teatro inspiradora, Auricéia Lima. Ela também é artista, poetisa e dramaturga. Com Auricéia conheci a linguagem da performance e comecei a refletir sobre questões da negritude. Na universidade, escolhi História da Arte, mas foi só no mestrado que assumi ser artista. A urgência da vida para viver e sobreviver só me permitia ver um trabalho assalariado. Virei professora da rede pública. Ambicionava ser uma professora que contasse histórias da arte silenciadas. A representatividade dos negros e negras é importante para mim. Com meus alunos, encaro cada aula como uma experiência artística. Com eles entendi que também era artista. Hoje penso a sala de aula como um ateliê, onde cotidianamente sou artista junto com os alunos. A performance pode ser entendida como a arte do encontro em que o acontecimento artístico se dá nas ações do meu corpo e fala com a ginga, a alegria e o carinho em contato com os alunos no espaço escolar. Meu trabalho artístico conjuga tudo o que aprendo. Por isso gosto de transitar em diferentes linguagens: teatro, performance, costura, bordado, fotografia, videoarte, cinema, objetos, desenho, pintura, grafite. Também mesclo o conhecimento acadêmico com os saberes aprendidos na vida. Minha mãe, Sonia Regina, foi uma grande mestra. Nas conversas com minha mãe sobre a trajetória dela como lavadeira, surgiu a pesquisa artística CoroAção. Eu ambicionei transformar essa história em visualidade.

Na performance, eu sustento sobre a cabeça um balde de água. Líquido vital, tão em falta nas áreas empobrecidas do Brasil. Água que lava a roupa, sustenta a família de uma lavadeira. Água que acolhe o bebê no ventre da mãe. Água das ancestrais Oxum e Iemanjá nas religiões de matriz africana. Água que era transportada pelas ruas das cidades brasileiras por homens e mulheres escravizados, que na beira das bicas e chafarizes tramavam revoltas e levantes contra o sistema escravocrata. Eu fico feliz em repe - tir poeticamente o gesto de todos esses ancestrais, em performances ao vivo, fotografias, objetos e até mesmo em um filme. CoroAção virou cinema em parceria com outros artistas e com o cineclubes Atlântico Negro. No filme

tive a honra de contracenar com minha mãe. Juntas fomos coroadas com rodilhas, baldes e bacias. Nossa ligação afetiva foi imortalizada pelo cinema. Arte é reflexão. Às vezes, na vida, permitimos sermos afetados pelo cotidiano de forma negativa. As dores pessoais e coletivas do mundo. Eu cresci em uma violenta comunidade do Rio de Janeiro, meus pais eram um pedreiro e uma lavadeira. Ser uma mulher negra é difícil diante das dificuldades que a sociedade impõe.

Mas meus pais me fizeram ver que suas vidas humildes eram repletas de dignidade e força. A atividade artística me ensinou que, quando produzimos ideias e representações sobre as coisas que nos emocionam, tomamos posse dos nossos passos e destino. Na pesquisa artística Já temos assento, em performance, equilíbrio sobre a cabeça um banco. A cabeça ou Ori é importante na mitologia Nagô-Yorubá. Temos o Ori Inu e Ori Ode, o primeiro é a cabeça interior e o segundo a cabeça física. Proteger e equilibrar a cabeça ou a mente é de grande importância para quem deseja que o destino se cumpra de forma favorável, em harmonia. Nada é colocado na cabeça sem que tenha um importante significado. Eu escolhi assentar sobre a minha cabeça a arte, meu banquinho, minha história ancestral, meu lugar no mundo. Arte é a liberdade de traçar nosso próprio caminho. A escola, para mim, sempre foi uma encruzilhada de possibilidades. É difícil passar pelas veredas e becos do bullying, do racismo, da falta de valorização do trabalho docente. No entanto, se permitirmos, podemos encontrar, nas estradas, pessoas, culturas e sabedorias que nos ajudem a ir em direção à melhor versão de nós mesmos.